

As exportações gaúchas pós-crise internacional*

Sônia Unikowsky Teruchkin**

Economista da FEE

Resumo

No período 2008-11, manteve-se, no Rio Grande do Sul, a crescente concentração das exportações. A pauta exportadora gaúcha continuou uma tendência já observada anteriormente: ser baseada no agronegócio — com produtos intensivos em recursos naturais, em mão de obra, de baixa ou média baixa intensidade tecnológica e com pouca utilização de matérias-primas importadas. Verificou-se o acréscimo de representatividade dos produtos básicos em detrimento dos manufaturados. Conseqüentemente, os reflexos da valorização cambial, com queda de rentabilidade, foram mais intensos do que a nível nacional. A participação das vendas externas do RS no Brasil tem diminuído ao longo dos anos, mas a dependência do mercado internacional para a economia gaúcha (exportações/PIB) continua sendo mais relevante do que para o País. No que diz respeito aos mercados de destino, Estados Unidos e União Europeia perderam participação na pauta exportadora, enquanto a Ásia ganhou representatividade. Portanto, a pauta concentrou-se em produtos, mercados, e em faturamento nas grandes empresas, com um incremento da internacionalização das empresas gaúchas.

Palavras-chave: exportação; Rio Grande do Sul; concentração das exportações.

Abstract

In the 2008-2011 period, the growing concentration of exports was kept in Rio Grande do Sul. The state exports continued a trend which was already observed earlier: being based on the agribusiness — products intensive in natural resources and labor, with low or medium low technology intensity and with little utilization of imported raw materials. There has been also an increase in the representativeness of basic products to the detriment of manufactured goods. Consequently, the

* Artigo recebido em 20 abr. 2012.
Revisora de Língua Portuguesa: Maria Inácia Flor Reinaldo.

** E-mail: sonia@fee.tche.br
A autora agradece os comentários e as sugestões ao texto preliminar feitos pelos colegas pesquisadores Álvaro Antônio Garcia, Beky Moron de Macadar, Maria Isabel H. da Jornada e Rodrigo Feix, isentando-os de eventuais equívocos ou erros remanescentes.

effects of the exchange rate valuation with fall in profitability were more intense than in the national level. The share of foreign sales of the Rio Grande do Sul in Brazil has declined over the years, but the dependence on the international market (exports/GDP) is still more relevant than to the country. Concerning the destination markets the U.S. and the European Union lost their share in the export while Asia has gained representation. So the state exports concentrated in fewer products, markets, and in large companies, with an increment of the internationalization of companies in the state of Rio Grande do Sul.

Key words: *exports; Rio Grande do Sul; exports concentration.*

1 Introdução

Depois de anos de crescimento exuberante, a economia mundial mostrou forte desaceleração no segundo semestre de 2008 e em 2009. Isso foi resultado dos impactos contracionistas da grave crise iniciada nos Estados Unidos e espreada para várias partes do mundo, em especial para as economias mais desenvolvidas, como a zona do Euro¹, que ainda não conseguiram retomar uma trajetória de crescimento sustentável. A deterioração do ambiente econômico internacional pós-crise de 2008 nos países desenvolvidos repercutiu de diversas formas sobre as economias emergentes, como a brasileira.

O período 2008-2011, no Brasil, foi, em linhas gerais, caracterizado pela moeda valorizada, manutenção do câmbio flutuante, grande velocidade e intensidade da entrada de recursos estrangeiros com elevada participação dos investimentos diretos, aumento significativo das reservas internacionais, diminuição da relação dívida/PIB, moderação no crescimento da economia tendo em vista os problemas no mercado internacional e o menor nível de compras de relevantes mercados importadores. Algumas dessas características, já iniciadas em períodos anteriores, proporcionaram ao Brasil uma diminuição da vulnerabilidade externa, possibilitando ao País atravessar esse tumultuado período em condições favoráveis.

As medidas anticíclicas adotadas pelo Governo após a crise internacional de 2008 permitiram a manutenção da trajetória ascendente do consumo das

famílias e a rápida recuperação dos investimentos e do emprego. O incremento do mercado interno, decorrente do aumento da massa salarial e da ampliação do poder de compra dos salários, compensou, para alguns setores, parte do desaquecimento da demanda internacional.

Se, por um lado, a valorização cambial conferiu importante perda de competitividade aos produtos exportados, ela estimulou as importações de equipamentos e insumos, permitindo uma redução de custos internos, além de contribuir para a manutenção da inflação em baixos patamares. Mas, para que o câmbio flutue dentro de um nível aceitável, o Banco Central continua intervindo no mercado, devido principalmente à entrada de recursos externos, atraídos pela remuneração do capital e pelas oportunidades de lucratividade. Outro elemento que tem contribuído para a valorização cambial² é o grande volume de operações no mercado futuro de câmbio brasileiro.

Contudo, em 2011, constatou-se, no cenário global, um novo enfraquecimento das economias avançadas. As perspectivas são de uma lenta recuperação, dada a complexidade dos desequilíbrios financeiro e fiscal europeus (BR, 2012a).

Nesse cenário, busca-se compreender as alterações da pauta exportadora gaúcha de 2008 a 2011, visando averiguar se permaneceu, no Rio Grande do Sul, a tendência de crescente concentração das exportações nos produtos básicos e nas empresas de maior porte, muitas das quais grandes fornecedoras de *commodities*. Como a análise é de dados anuais,

¹ Na Zona do Euro, a crise da dívida soberana e vultosos déficits fiscais continuam ameaçando o euro, mesmo depois de várias medidas adotadas. Já, nos Estados Unidos, a situação atual dos bancos está menos comprometida que na Europa.

² Fonseca (2010) apresenta um estudo sobre a valorização cambial no Brasil.

tomou-se o período do início da crise e o último ano com dados disponíveis³.

Este texto está dividido em seções. Após essa breve **Introdução**, a seção 2 apresenta uma visão geral das vendas externas gaúchas; a seção 3 aborda os produtos e mercados, destacando o elevado papel dos produtos básicos, enquanto a seção 4 analisa a representatividade das grandes empresas. Por fim, na seção 5, registram-se as principais considerações.

2 Visão geral

A crise internacional refletiu-se, já durante 2008, sobre as exportações, que tiveram uma redução do volume embarcado tanto a nível nacional como estadual. Isso foi mais do que compensado por acréscimos elevados nos preços. Entretanto, foi apenas em 2009 que o valor das vendas externas do Brasil e do RS diminuiu, com quedas dos volumes embarcados e dos preços (Tabela 1). Em 2010, o País já tinha recuperado o faturamento externo, com um elevado crescimento do valor em relação a 2009, e já positivo quando comparado com 2008 (2,0%). Mas, no Estado, o incremento das exportações, quando confrontado com 2009, foi ínfimo — menor do que 1,0% —, não recuperando os valores embarcados antes da crise, face ao continuado decréscimo do volume transacionado no exterior, uma vez que os preços retomaram sua trajetória ascendente. Já, em 2011, o acréscimo das vendas do RS (26,3%) foi muito similar ao do Brasil.

O bom desempenho das exportações em 2011 deve-se à expansão da China, que continua impulsionando a demanda mundial por produtos básicos, junto com o aumento da especulação financeira, com derivativos ligados a esses bens e diminuição da relação estoque/consumo, que tem contribuído para o incremento dos preços dos básicos. Contudo, o aumento de preços internacionais beneficiou mais o País do que o Estado, em razão das diferenças nas respectivas pautas exportadoras. Destarte, o valor exportado em 2011 foi de US\$ 256,0 bilhões no Brasil e de US\$ 19,4 bilhões no Estado, resultando em um acréscimo, em relação a 2008, de 29,3% e de apenas 5,7% respectivamente.

Assim, pode-se afirmar que o RS — tendo em vista as características de sua pauta exportadora — sentiu mais as repercussões da crise, revelando um

desempenho inferior ao de outros estados. Isso é evidenciado pela perda de representatividade na pauta brasileira: até 2007, o RS era o terceiro principal exportador, participando com 9,3% das vendas externas do País; a partir de 2008, passou a ser o quarto maior, depois de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Tal situação deve-se, em especial, ao incremento, no mercado internacional, dos preços dos minérios e dos derivados de petróleo, que favoreceram, respectivamente, Minas Gerais e Rio de Janeiro, contribuindo para a acentuada alta do índice de preços do Brasil em 2010 e 2011.

Em decorrência, verificou-se uma contínua queda da participação sul-rio-grandense nas vendas externas nacionais. Enquanto na década de 90 era em torno de 11,5%, em 2008 e 2009 foi de 9,6%, atingindo 7,6% em 2010 e 2011. O menor crescimento de algumas importantes economias importadoras de produtos gaúchos, a ampliação da concorrência internacional em tradicionais mercados compradores e, até mesmo, no mercado doméstico, a transferência de firmas exportadoras gaúchas para outros estados e países, aliado às barreiras não tarifárias existentes, especialmente na área agrícola e de calçados, têm sido importantes fatores que contribuíram para isso. Como a representatividade do Brasil nas exportações mundiais era em torno de 1,4% em 2010 e 2011, vê-se a ínfima participação das vendas gaúchas no comércio internacional,

A relação exportações/PIB também vem declinando no Estado, passando de mais de 16% de 2001 a 2008, para uma média 11,5% a.a. em 2010 e 2011. Mesmo assim, a representatividade das exportações na renda gaúcha continuou sendo mais relevante do que para o Brasil, denotando o significativo papel das vendas externas para a formação do produto interno. No quadriênio 2008-11, a relação foi, em média, de 10,3% no Brasil e de 13,5% no RS (Tabela 2). O alargamento do mercado interno, aliado à redução do crescimento de importantes mercados compradores como reflexo da crise internacional, e a perda de parte da lucratividade das vendas externas pela valorização cambial são alguns dos fatores explicativos da diminuição da relação exportações/PIB.

³ Bello, Teruchkin e Garcia (2010) fazem uma análise das alterações nas exportações gaúchas, de 1989 a 2008.

Tabela 1

Taxa de crescimento anual do valor, do volume e dos preços das exportações do RS e do Brasil — 2008-11

DISCRIMINAÇÃO	BRASIL				RS			
	2008	2009	2010	2011	2008	2009	2010	2011
Valor	23,21	-22,71	31,98	26,81	22,42	-17,13	0,96	26,29
Volume	-1,21	-9,96	12,39	2,91	-7,37	-10,27	-8,35	9,59
Preços	24,73	-14,16	17,43	23,22	32,17	-7,65	10,16	15,24

FONTE DOS DADOS BRUTOS: FEE. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/exportacoes/sh2.xls>>.

Tabela 2

Participação percentual das exportações no PIB, no RS e no Brasil — 2008-11

DISCRIMINAÇÃO	2008	2009	2010	2011
RS	16,90	14,10	11,12	11,88
Brasil	11,97	9,43	9,45	10,30

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/Decex.
IBGE.
FEE.

3 Produtos e mercados

A representatividade dos produtos básicos

Analisando-se as vendas externas do RS por fator agregado, verifica-se o incremento dos produtos básicos na pauta de exportação, que passaram de 39,5% em 2008 para 47,7% em 2011. Esse movimento foi acompanhado de um decréscimo dos produtos industrializados, em especial os manufaturados (Tabela 3).

A maior representatividade dos produtos básicos em detrimento dos manufaturados, revertendo uma posição que demorou décadas para ser obtida, deve-se à manutenção de elevados preços das *commodities*⁴. Isso decorre, em grande parte, dos acréscimos de demanda de países emergentes, como a China, aliado à especulação financeira, através de

fundos de investimentos em *commodities* em bolsas de futuros. Deve-se considerar, ainda, o desestímulo cambial e a ampliação da concorrência de produtos manufaturados asiáticos em vários mercados compradores. Essa situação tem gerado uma grande preocupação com a “primarização” da pauta exportadora do Estado e a nível nacional.

Tabela 3

Participação percentual das exportações, por fator agregado, no total do RS — 2008-11

FATORES	2008	2009	2010	2011
Básicos	39,47	45,18	44,61	47,74
Semimanufaturados	9,09	6,23	8,39	8,58
Manufaturados	50,30	47,94	46,22	42,72

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/Decex.

NOTA: O somatório dos percentuais por fator agregado não atinge 100%, porque não estão computadas as operações especiais.

A preponderância das exportações de produtos básicos também reacende o velho debate sobre a necessidade de adicionar valor às exportações, que possuem maior potencial de geração de riqueza e emprego e de arrecadação tributária. Embora a relevância da agregação de valor, da inovação de produtos e processos e do desenvolvimento de novas tecnologias, esses fatores não resultam, necessariamente, para todas as empresas em

⁴ As cotações das *commodities*, a partir de 2009, evidenciaram uma tendência altista, a qual se acelerou ainda mais a partir da metade de 2010. Como decorrência, os preços de muitos produtos superaram os níveis alcançados antes da crise. Isso se opõe ao dos preços dos manufaturados, cujo incremento tem sido moderado. No caso dos produtos agrícolas, o aumento dos preços em 2010 é também explicado pelas condições climáticas adversas em vários países produtores, que afetou a oferta. (CEPAL, 2012).

melhoria de lucratividade. Seja por problemas de desarticulação da cadeia produtiva, seja por vantagens competitivas da empresa em particular e/ou ganhos especiais em logística, algumas firmas beneficiam-se com a venda de produtos básicos, o que, do ponto de vista macroeconômico, pode ser negativo para a economia estadual.

Contudo, deve-se observar que *commodities* vendidas, em muitos casos, incorporam tecnologia e criam empregos. Exportar matérias-primas e alimentos hoje não é a mesma coisa que nos séculos passados. Atualmente, novas ferramentas, novas técnicas e muito mais informações com base em pesquisa avançada ajudam a aumentar e qualificar a produção agrícola.

Também cabe salientar o papel das *trading companies* na venda de produtos básicos. A atividade dessas empresas caracteriza-se, especialmente, pela aquisição de mercadorias no mercado interno para posterior exportação. No Brasil, elas exportam, preponderantemente, minérios, seguida de carnes e de grãos de soja. Essas empresas registraram, à exceção de 2009, taxas positivas de crescimento ao longo dos últimos seis anos, elevando sua participação no total das vendas brasileiras de 8,6% em 2005 para 11,5% em 2011, com destaque para a sua atuação nos estados do Pará e Minas Gerais. Mas, no RS, sua representatividade é menos significativa, faturando, em 2010 e 2011, 4,5% e 2,6% do total transacionado no exterior respectivamente (BR, 2012b).

Principais produtos exportados

Dentre os principais produtos exportados, é visível a elevada representatividade dos produtos intensivos em recursos naturais⁵ e a redução da importância das exportações intensivas em trabalho⁶.

É relevante evidenciar que os impactos da apreciação do câmbio sobre os setores produtivos são bastante diferenciados. Enquanto os segmentos industriais exportadores altamente dependentes de insumos importados — o que lhes permite fazer *hedge* — e as grandes empresas, com fácil acesso ao financiamento externo e/ou capazes de antecipar receitas de exportação e auferir ganhos financeiros no

mercado local, têm, de modo geral, se beneficiado da valorização cambial, as indústrias com uso intensivo de mão de obra têm sido fortemente prejudicadas. Essas vêm enfrentando, com muito mais dificuldades, a concorrência internacional. Já os produtos intensivos em recursos naturais vêm mantendo a sua competitividade em razão do aumento dos preços internacionais em dólar, compensando, em parte ou totalmente, a valorização do real frente ao dólar, permitindo a sustentação da renda do produtor rural.

Apresentam-se os principais produtos segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) e segundo os códigos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), onde são feitas algumas considerações sobre os principais capítulos (2 dígitos) e produtos (4 dígitos).

Analisando-se a participação média do valor das exportações do Rio Grande do Sul segundo a CNAE, verifica-se que quase 25% eram oriundas da fabricação de produtos alimentícios e bebidas, com destaque para o abate e preparação de produtos de carne e de pescado e para a produção de óleos e gorduras vegetais e animais. Salientam-se, ainda, as vendas oriundas da agricultura e pecuária, sobressaindo-se as lavouras temporárias, como grãos de soja e trigo. Destacam-se, igualmente, a fabricação de produtos do fumo, a fabricação de produtos químicos — em particular, de resinas e elastômeros —, a fabricação de máquinas e equipamentos — onde dominam a produção de tratores e de máquinas e equipamentos para a agricultura, a avicultura e a obtenção de produtos animais — e o valor transacionado do capítulo de preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos de viagem e calçados, cuja redução foi significativa, tendo em vista a retração nas vendas externas do calçado.

Nos últimos quatro anos⁷, por capítulos da NCM, destacam-se, por sua participação, sementes e frutos oleaginosos; carnes e miudezas, comestíveis; fumo e seus sucedâneos. Esses três capítulos juntos representaram, de 2008 a 2011, mais de um terço do valor total transacionado no exterior. Seguem, em ordem de importância, nos últimos anos, veículos; máquinas, aparelhos, instrumentos mecânicos e suas partes; plásticos e suas obras; calçados e suas partes; resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; combustíveis e cereais. Na Tabela 4, observa-se que dez capítulos representaram em média 71,8% no quadriênio 2008-11.

⁵ Interessante revisão da literatura sobre a especialização na produção de produtos intensivos em recursos naturais é encontrada em Cunha (2011).

⁶ Uma análise dos principais produtos gaúchos exportados por intensidade tecnológica até 2008 pode ser encontrada em Garcia (2010a); Bello, Teruchkin e Garcia (2010).

⁷ Uma análise detalhada do desempenho anual das exportações do Rio Grande do Sul nos últimos quatro anos é encontrada em Garcia (2009; 2010b; 2012) e Hoff (2011).

Considerando-se o valor exportado, os principais produtos transacionados (Tabela 5) foram: complexo soja (grãos de soja; bagaços ou farelos de soja; óleo de soja em bruto); fumo não manufaturado; carnes de frangos e miudezas, carne de suínos; calçados de couro natural; trigo; polietileno; tratores; arroz; partes e acessórios de tratores e veículos; ceifeiras-debulhadoras e carroçarias para veículos, incluídas as cabinas. Os 17 principais produtos transacionados no exterior elevaram sua representatividade, no faturamento total, de 49,9% em 2008 para 54,7% em 2011.

No complexo soja, verifica-se a relevância das vendas de grãos de soja e de farelo, com acentuado incremento no valor exportado, de 2008 a 2011, de 83% e 73% respectivamente, com destaque para o mercado chinês. O óleo de soja, menos comercializado do complexo, apresentou uma redução de valor transacionado no exterior (-13%), em parte, devido ao desestímulo a sua entrada na China, mas, sobretudo, ao crescimento da indústria gaúcha de biodiesel⁸ nesse período.

No fumo e seus derivados, as exportações de fumo não manufaturado são as mais importantes. De 2008 a 2010, o impacto da valorização cambial refletiu-se no decréscimo nas quantidades embarcadas de fumo, as quais foram compensadas por acréscimos nos preços. Mas, em 2011, essa situação reverteu-se, com um aumento no volume comercializado e uma diminuição no preço, sendo o principal destino a União Europeia. Contudo, o mercado chinês de fumo tende a crescer ainda mais⁹.

As exportações de carnes e miudezas comestíveis apresentaram uma redução nas quantidades embarcadas para o exterior em todo o quadriênio. A despeito disso, o valor das carnes vendidas, devido aos incrementos de preços em 2010 e 2011, apresentou taxas positivas, porém bastante ínfimas — menos de 1% — no último ano. Preponderaram as exportações de carne de frango e de suínos.

No que se refere às aves, conforme Garcia (2012), o RS, historicamente, vinha ganhando fatias do mercado internacional e, entre 2001 e 2010, as exportações gaúchas de aves cresceram, em valores

correntes, em média 15,1% a.a.; as brasileiras, 17,5% a.a.; e as mundiais, 8,7% a.a. No que se refere às carnes suínas, o embargo pela Rússia, que absorvia mais de 80% das exportações desse produto, ao diminuir em quase a metade as quantidades embarcadas e, conseqüentemente, a representatividade do produto na pauta exportadora, tem estimulado a procura por novos mercados. Os primeiros embarques de carne suína para a China estão ocorrendo neste ano, e a Ásia, em médio prazo, poderá se tornar importante importador desse produto.

As exportações dos capítulos veículos, automóveis, tratores etc. e de máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes tiveram uma forte queda de sua representatividade em 2009, pela substancial redução na quantidade embarcada. Mas, em 2010 e 2011, as vendas externas recuperaram-se sobremaneira, com acréscimos nas quantidades e preços, voltando, ambos os capítulos, a ter uma participação (7%) similar à de 2008 no valor das vendas externas gaúchas.

Já os calçados, que eram a principal mercadoria de exportação até meados da década passada, têm declinado a sua participação nas vendas externas gaúchas, passando de 6,6% em 2008 para apenas 3,7% em 2011. Isso ocorreu pela queda do volume exportado, com a concorrência de produtores asiáticos, a despeito do incremento do preço médio devido à maior ênfase nos calçados de melhor qualidade e novos nichos de mercado.

⁸ Feix (2012) apresenta um texto sobre a relevância do biodiesel no Estado.

⁹ Em janeiro de 2012, a China Tabaco Internacional do Brasil, subsidiária da estatal China Tobacco International, assinou contrato com a Alliance One Brasil Exportadora de Tabaco, visando criar uma nova empresa voltada, exclusivamente, à exportação de fumo de qualidade superior para o mercado chinês (PARCERIA..., 2012).

Tabela 4

Participação percentual das exportações, segundo os capítulos da NCM, no total do RS — 2008-11

DISCRIMINAÇÃO	2008	2009	2010	2011
Sementes e frutos oleaginosos; grãos	8,8	12,7	11,6	15,3
Carnes e miudezas, comestíveis	12,2	11,1	12,7	10,2
Fumo e seus sucedâneos	10,5	13,9	11,8	9,8
Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros, suas partes e acessórios	7,3	4,9	6,4	7,0
Máquinas, aparelhos, instrumentos mecânicos e suas partes	6,3	4,4	6,3	7,0
Plásticos e suas obras	4,5	5,5	6,8	6,4
Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes	6,6	5,5	5,4	3,7
Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais	3,9	4,6	5,6	6,2
Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais	3,7	11,5	3,0	1,2
Cereais	3,2	2,1	2,0	5,5
Subtotal	66,9	76,3	71,6	72,3

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/Decex.

Tabela 5

Participação percentual dos 17 principais produtos no total das exportações do RS — 2008-11

DISCRIMINAÇÃO	2008	2009	2010	2011
Outros grãos de soja, mesmo triturados	8,81	12,69	11,58	15,23
Fumo não manufaturado total/parc. destal. folhas secas, etc. Virginia	7,72	10,75	9,31	7,67
Bagaços e outros resíduos sólidos da extração do óleo de soja	3,71	4,46	5,42	6,06
Carnes de galos/galinhas não cortadas em pedaços congeladas	3,46	3,68	4,35	3,46
Pedaços e miudezas comestíveis de galos/galinhas, congelados	3,35	3,00	3,39	3,12
Óleo de soja em bruto, mesmo degomado	3,61	1,86	2,46	2,97
Trigo (exceto trigo duro ou para semeadura) e trigo com centeio	1,11	0,31	0,73	2,33
Outras carnes de suíno congeladas	3,12	2,65	2,98	2,06
Outros tratores	2,66	2,03	2,08	1,77
Polietileno linear, densidade < 0,94, em formas primárias	0,91	1,15	1,67	1,61
Outros calçados sol. ext. borracha/plástico/couro natural	3,65	2,90	2,58	1,52
Outros polietilenos sem carga, densidade >= 0,94, em formas primárias	1,33	1,60	1,60	1,47
Fumo não manufaturado total/parc. destal. folhas secas, tipo "Burley"	1,85	1,95	1,38	1,24
Arroz semibranqueado, etc. parboilizado, polido ou brunido	0,58	0,92	0,37	1,20
Outras partes e acessórios para tratores e veículos automotores	1,14	0,82	1,22	1,03
Ceifeiras-debulhadoras	1,27	0,48	1,12	1,01
Carroçarias para veículos automotores que transportam >=10 pessoas ou para carga	1,58	0,92	1,48	1,00
Subtotal	49,86	52,17	53,72	54,75

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/Decex.

Principais mercados

Por mercados de destino, destacam-se as vendas para a Ásia (exclusive Oriente Médio) de 2008 a 2011, que absorveu, em média, 25% do total vendido ao exterior, seguida das exportações para a União Europeia, que, em todo período, adquiriu em torno dos 19% do valor embarcado, com relevância para o farelo de soja e para o fumo não manufaturado.

Apenas 10 países adquirem juntos mais da metade do valor das vendas gaúchas. Dentre esses salientam-se a China, Argentina e Estados Unidos que,

juntos, absorveram em torno de 35% do valor transacionado no último quadriênio. Comparando-se as vendas de 2011 com as de 2008, o aumento da participação da China (de 10,5% para 17,4%) e da Argentina (de 8,8% para 10,2%) mais do que compensou a queda de representatividade dos Estados Unidos (de 13,3% para 7,1%). China e Estados Unidos têm sido os maiores importadores mundiais (Tabela 6).

Os produtos gaúchos mais adquiridos pela China foram os produtos básicos — grãos de soja, fumo não manufaturado e óleo de soja em bruto. A China, no

mercado internacional, tem afetado os preços internacionais. De um lado, a necessidade de grande quantidade de matérias-primas e alimentos contribui, expressivamente, para a elevação dos preços das *commodities*. Por outro lado, a exportação de manufaturados produzidos em grande escala reforça a baixa dos preços desses produtos, diminuindo a rentabilidade dos produtores brasileiros e gaúchos, como nos calçados. Portanto, as taxas de crescimento da economia chinesa, bem como a entrada de seus produtos nos mercados externos, ao afetarem os preços internacionais, poderão gerar mudanças nas estruturas das exportações e das importações.

Os Estados Unidos comprou, principalmente, fumo não manufaturado, mas também adquiriu produtos químicos — como hidrocarbonetos: etileno, propeno, buteno e benzeno —, espingardas e carabinas para caça e tiro ao alvo e calçados de couro natural. O declínio da representatividade dos Estados Unidos deve-se, dentre outros fatores, ao baixo crescimento de sua economia e a desvalorização do dólar, ainda como reflexo da crise de 2008.

A Argentina, por sua vez, incrementou a sua participação média anual nas vendas gaúchas de 9,6%

no quadriênio 2004-07 para 11,0% de 2008 a 2011, tendo se salientado as remessas de produtos industrializados, como os polímeros; máquinas agrícolas; tratores; peças para veículos; óleo diesel. Mas, visando forçar a internalização da produção, a Argentina tem obstaculizado a importação, dificultando a entrada de determinados produtos acabados. Para contornar essa situação, as empresas vêm buscando uma diversificação de mercados, notadamente para outros países da América do Sul, e algumas têm realizado investimentos diretos ou alianças estratégicas com empresas na Argentina.

A diversificação de mercados é relevante para atenuar a vulnerabilidade das exportações diante dos ciclos globais de crescimento e retração econômica. Em 2011, salientaram-se, pelas elevadas taxas de crescimento, as vendas gaúchas para Argélia, Ucrânia, Antilhas Holandesas, Bangladesh, Nigéria, Vietnã, Paquistão, Polônia e Filipinas. Esses países, com pouca representatividade na pauta, passaram de 1,8% do valor exportado em 2010 para quase 5% em 2011.

Tabela 6

Participação percentual das exportações, por países de destino, no total do RS— 2008-11

PAÍSES	2008	2009	2010	2011
China	10,48	15,64	15,56	17,41
Argentina	8,8	13,96	10,93	10,18
Estados Unidos	13,35	8,18	7,96	7,1
Países Baixos (Holanda) ...	3,23	2,75	3,9	3,59
Paraguai	3,48	2,71	4,02	3,24
Rússia	4,61	2,99	3,56	1,74
Alemanha	3,33	3,59	2,97	2,77
Bélgica	2,33	3,83	3,74	2,49
Uruguai	2,05	2,7	2,24	2,51
Chile	2,24	1,45	2,36	2,04
Subtotal	53,9	57,8	57,24	53,07
Outros	46,1	42,2	42,76	46,93

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/Decex.

4 As grandes empresas

Verifica-se a relevância das grandes empresas¹⁰ no valor embarcado ao exterior. As 40 maiores exportadoras do RS, segundo os dados do MDIC,

venderam em torno de 65% do valor total no período 2008-11. Chama a atenção o fato de que, em 2009, quando as exportações nacionais e regionais decresceram, a representatividade das maiores exportadoras elevou-se, atingindo 69%.

Nos últimos anos, apesar dos problemas no cenário internacional, o comércio de bens e serviços expandiu-se em números superiores aos da produção, estimulando algumas empresas brasileiras e gaúchas

¹⁰ Teruchkin e Bello (2008) analisam as grandes empresas de 2002 a 2006 e as 40 maiores exportadoras gaúchas de 2004 a 2007.

a experimentarem um processo contínuo de internacionalização¹¹, com destaque para os investimentos diretos no exterior e para a formação de alianças estratégicas com empresas locais. Tal fato deve-se, principalmente, à racionalidade econômica de manter ou aumentar a competitividade, ganhar acessibilidade de mercado e diminuir os riscos de operação.

Apesar das inúmeras vantagens na internacionalização, algumas empresas, na prática, substituem as potenciais exportações a partir do Estado por fornecimento direto das suas unidades localizadas no exterior. Isso ocorreu, em parte, no segmento de calçados para a Argentina¹². Outras, contudo, ampliam as exportações totais pela importação de matérias-primas e/ou componentes.

Considerando-se as empresas exportadoras por faixa de valor, no período 2008-11, observa-se que 73,6% das empresas exportavam baixos valores anuais — até US\$ 1 milhão — e apenas 1,2% tinha exportações acima de US\$ 100 milhões, e entre US\$ 50 e US\$ 100 milhões representavam 1,1% (BR, 2012c). Ou seja, no Estado, o maior número de firmas exporta pequenos valores, mas isso não está ligado ao porte da empresa, pois existem grandes e médias empresas que vendem, preponderantemente, ao mercado interno e, marginalmente, ao exterior.

Tomando-se as vendas externas por porte das empresas (Tabela 7), nota-se que o número das micro e pequenas empresas (MPEs) exportadoras diminuíram no triênio 2008-10, ao mesmo tempo em que as quantidades de médias e grandes se elevaram. Contudo, em termos de faturamento, as MPEs nunca chegaram a 2% do total.

Em 2010, última informação disponível para esse dado, verificou-se que, representando 25,9% do número de exportadoras, as grandes empresas gaúchas concentravam 92,6% do valor exportado, um pouco inferior às do Brasil (95%), denotando a concentração das vendas externas nas grandes empresas. Já, as médias empresas, com 28,1% do total, exportavam tão somente 5,8% do total. As

pequenas empresas, a despeito de representarem 25,2% do número, eram responsáveis por apenas 1,5% do valor total transacionado no exterior. Por fim, as microempresas têm uma representatividade quase nula no valor exportado, apesar de participarem com 20% do número de empresas.

Tabela 7

Número, valor e participação das exportações, por porte de empresa, no total do RS — 2008-10

PORTE DA EMPRESA	2008			
	Empresas		Valor	
	Número	Participação %	US\$ 1.000	Participação %
Microempresa	643	23,46	34.252	0,20
Pequena empresa	745	27,18	272.329	1,60
Média empresa	734	26,78	895.288	5,27
Grande empresa ..	583	21,27	15.785.656	92,92
Pessoa física	36	1,31	1.052	0,01
Total	2.741	100,00	16.988.578	100,00

PORTE DA EMPRESA	2009			
	Empresas		Valor	
	Número	Participação %	US\$ 1.000	Participação %
Microempresa	708	22,73	36.661	0,24
Pequena empresa	566	18,17	125.857	0,83
Média empresa	1.076	34,54	1.041.324	6,83
Grande empresa ..	724	23,24	14.031.380	92,09
Pessoa física	41	1,32	840	0,01
Total	3.115	100,00	15.236.062	100,00

PORTE DA EMPRESA	2010			
	Empresas		Valor	
	Número	Participação %	US\$ 1.000	Participação %
Microempresa	602	19,95	32.721	0,21
Pequena empresa	761	25,22	223.172	1,45
Média empresa	849	28,14	888.066	5,77
Grande empresa ..	780	25,85	14.238.115	92,56
Pessoa física	25	0,83	373	0,00
Total	3.017	100,00	15.382.447	100,00

FONTE: MDIC/Secex/Decex. Disponível em:
<<http://www.mdic.gov.br/sitio/sistema/balanca>>.

5 Considerações finais

A pauta exportadora gaúcha de 2008 a 2011 continuou uma tendência já observada anteriormente: ser baseada no agronegócio — com produtos intensivos em recursos naturais e em mão de obra, de baixa ou média baixa intensidade tecnológica e com pouca utilização de matérias-primas importadas.

¹¹ Para melhor compreensão do processo de internacionalização das empresas gaúchas, ver Macadar (2009), que apresenta os casos de duas multinacionais brasileiras, a Gerdau e a Marcopolo, com sede no Estado; e Macadar (2010), com estudos de caso das principais transnacionais do Rio Grande do Sul.

¹² Empresas do setor calçadista, como Vulcabrás/Azaleia, Alpargatas, Grendene, Dilly, Paquetá e West Coast, instalaram-se no mercado argentino, dada a restrição imposta pelo governo do País vizinho à importação de calçados (CINPR, 2007; Petry, 2009).

Consequentemente, os reflexos da valorização cambial, com queda de rentabilidade, são mais intensos do que a nível nacional. O incremento da venda de bens intensivos em recursos naturais ocorreu em contrapartida ao decréscimo dos bens intensivos em mão de obra. Se a análise das exportações gaúchas for fator de competitividade, GARCIA (2010a) mostrou que, entre 1989 e 2008, os produtos intensivos em trabalho perderam muita participação no conjunto das vendas externas. Essa situação intensificou-se ainda mais de 2008 a 2011, dificultando as exportações das indústrias tradicionais do Estado.

Os produtos básicos continuaram elevando sua representatividade, tendo atingido, em 2011, 47,6%, percentual muito próximo da pauta brasileira (47,8%), em detrimento dos manufaturados. Esse processo de inversão na composição da balança comercial deve-se, de um lado, à manutenção de elevados preços das *commodities* e rentabilidade superior. De outro, a desaceleração econômica dos países importadores de manufaturados, como os EUA, colaborou para a piora do setor nos últimos anos.

A taxa de câmbio (R\$/US\$), que desde 2004 vinha apresentando sinais de valorização, continuou sua trajetória descendente. O elevado valor do real frente ao dólar e os elevados custos de operar no País — problemas de infraestrutura, complexo sistema tributário, custos de capital e de energia, questões regulatórias e entraves burocráticos dentre outros — diminuem a competitividade da indústria, dificultando as exportações de produtos manufaturados e a capacidade de concorrer com produtos importados.

Comprovou-se que a vendas externas do RS no total exportado pelo Brasil tem diminuído ao longo dos anos e, no último quadriênio, foi menor ainda, acentuando a perda de representatividade. Mas a dependência do mercado internacional para o crescimento da economia gaúcha continua sendo mais relevante do que para o País, pois a relação das exportações/PIB sempre apresentou maiores valores no Estado.

No que diz respeito aos mercados de destino, quando se comparam os períodos 1989-2008 e 2008-11, comprova-se que Estados Unidos e União Europeia perderam participação na pauta exportadora, enquanto Ásia (exceto Oriente Médio) ganhou representatividade. A demanda mundial pelos produtos básicos brasileiros e gaúchos deve continuar crescendo nos próximos anos. As exportações de *commodities* serão estimuladas principalmente pelo crescimento da Ásia, mesmo que ocorra uma desaceleração da China.

No período 2002-06, as MPEs, que exportavam, prioritariamente, produtos manufaturados intensivos em mão de obra e em matérias-primas nacionais, foram mais afetadas pela valorização do real e perderam participação nas receitas de exportação do Estado (BELLO; TERUCHKIN, 2008). Essa situação aprofunda-se no quadriênio 2008-11, pois a representatividade das MPEs no faturamento global diminuiu ainda mais. Por outro lado, verificou-se a crescente concentração das exportações nas maiores empresas, 88,0% a.a. no período 2002-06 (TERUCHKIN; BELLO, 2008), atingindo quase 93% em 2011.

Do exposto, conclui-se que a pauta se concentrou em produtos, mercados e faturamento nas grandes empresas. A concorrência internacional está em aumento progressivo, acirrando a busca, pelas empresas, de maior competitividade internacional, o que tem sido o principal motivo que as levou à internacionalização. Muitas empresas têm transferido parte das atividades para o exterior, diretamente ou através de acordos de produção com empresas locais, o que poderá levar a uma redução das exportações dessas empresas localizadas no Estado.

Qualquer debate sobre o comércio exterior deve ter presente duas questões: a taxa de câmbio e a ameaça chinesa para a sobrevivência de alguns segmentos industriais no mercado doméstico e internacional.

Como já dito, as *commodities* têm tido uma demanda aquecida, impulsionada pelos países emergentes e pelos preços atrativos. Destarte, o maior risco para um arrefecimento nos preços internacionais seria uma parada no crescimento chinês, o que não é aguardado em curto prazo. Mesmo com alguma desaceleração do crescimento, a economia chinesa continuará sendo a mais dinâmica do mundo e consumindo enormes volumes de matérias-primas — incluídos, naturalmente, os produtos agrícolas. A demanda de outros emergentes também deverá continuar pressionando o mercado. Portanto, para os próximos anos, a expectativa é de uma demanda mundial ainda em elevação, tendo em vista o crescimento econômico e populacional dos países emergentes, e da urbanização.

Já, no que se refere aos setores intensivos em trabalho, a perspectiva é de continuidade da queda de representatividade nas vendas externas em razão do custo crescente da mão de obra no País, e do contínuo surgimento de novos países fornecedores com baixos salários.

Referências

- BELLO Teresinha da Silva; TERUCHKIN, Sônia Unikowsky. As exportações do Rio Grande do Sul por porte de empresa. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 55-66, 2008.
- BELLO, Teresinha da Silva; TERUCHKIN, Sônia Unikowsky; GARCIA, Álvaro Antônio. Alterações no perfil das exportações gaúchas. In: CONCEIÇÃO, Octávio A. C. *et al.* (Org.). **O movimento da produção**. Porto Alegre: FEE, 2010. (Três décadas de economia gaúcha, 2).
- BRASIL. Ministério da Fazenda. **Economia Brasileira em perspectiva**. 14. ed. esp. Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ApexBrasil/economia-brasileira-em-perspectiva-maio-2010>>. Acesso em: 5 mar. 2012a.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Balança Comercial Brasileira de Trading Companies**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=3373&refr=3371>>. Acesso em: 7 mar. 2012b.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Empresas brasileiras exportadoras** (faixa de valor exportado). Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=2413&refr=603>>. Acesso em: 5 mar. 2012c.
- CENTRO INTERNACIONAL DE NEGÓCIOS DO PARANÁ — CINPR. **Empresas calçadistas brasileiras estão produzindo na Argentina**. Curitiba, 24.9.2007. Disponível em: <<http://www.cinpr.org.br/News2content34620.shtml>>. Acesso em: 22 mar.2012.
- CEPAL. O Panorama da inserção internacional da América Latina e Caribe 2010-2011. Disponível em: <http://www.cepal.org/comercio/publicaciones/xml/5/44375/A_regiao_na_decada_das_economias_emergente_sintesis_2011.pdf>. Acesso em: 15 mar.2012.
- CUNHA, André Moreira *et al.* A intensidade tecnológica das exportações brasileiras no ciclo recente de alta nos preços das commodities. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 47-70, 2011.
- FEIX, Rodrigo. Desafios e oportunidades ao biodiesel gaúcho. **Carta de Conjuntura FEE**. Porto Alegre, v. 21, n. 02, fev. 2012.
- FONSECA, Roberto Giannetti da. Valorização cambial no Brasil e as armas para defender a indústria na guerra cambial. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, n. 105, p. 25-30, out./dez. 2010.
- GARCIA, Álvaro Antônio As exportações gaúchas em 2008. **Indicadores Econômico FEE**, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 41-52, 2009.
- GARCIA, Álvaro Antônio. As exportações gaúchas em 2009. **Indicadores Econômico FEE**, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 71-84, 2010 b.
- GARCIA, Álvaro Antônio. As mudanças na pauta exportadora gaúcha entre 1989 e 2008. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 147-166, 2010a.
- GARCIA, Álvaro Antônio. **As exportações gaúchas em 2011: desempenho e perspectivas**. Porto Alegre: FEE, 2012. (Textos para Discussão FEE, n.100). Disponível em: <<http://www.fee.tcche.br/sitefee/download/tds/100.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- HOFF, Cecília Rutkoski. Exportações do Rio Grande do Sul em 2010: razões para o baixo dinamismo frente à média nacional. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 41-48, 2011.
- MACADAR, Beky Moron de. A evolução dos investimentos diretos de empresas gaúchas no exterior. In: CONCEIÇÃO, Octávio A. C. *et al.* (Org.). **O movimento da produção**. Porto Alegre: FEE, 2010. (Três décadas de economia gaúcha, 2).
- MACADAR, Beky Moron de. A internacionalização de grandes empresas brasileiras e as experiências do Grupo Gerdau e da Marcopolo. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 7-34, 2009.
- PARCERIA para vender mais tabaco à China. **Valor Econômico**, 31.02.2012. Disponível em: <www.valor.com.br/empresas/2511312/parceria-para-vender-mais-tabaco-china>. 31.01.2012. Acesso em: 21 mar. 2012.
- PETRY, Rodrigo, Calçadistas brasileiros mantêm aposta na Argentina. **Estado de São Paulo**, 25 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/economia,calcadistas-brasileiros-mantem-aposta-na-argentina,312721,0.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2012.

TERUCHKIN, Sônia Unikowsky. O crescimento do valor das exportações gaúchas de 2004 a 2006: a importância dos preços. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 53-60, ago. 2007.

TERUCHKIN, Sônia Unikowsky; BELLO Teresinha da Silva. Exportação gaúcha: aumenta a concentração nas maiores firmas exportadoras. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 21-27, 2008.